



FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER
JAIR PRESENTE

PALCO
ILUMINADO

GEM

Para Maria
com muito afeto
carinhosamente
um abraço
Pelo seu
aniversário
de sua irmã
Neuza



6/5, 2003

Homenagem e gratidão a
Rolando Ramacciotti

Francisco Cândido Xavier
Jair Presente

PALCO ILUMINADO

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL S/C EDITORA
G.E.E.M.
1988

FICHA CATALOGRÁFICA

(elaborada pela Editora)

X19p Xavier, Francisco Cândido, 1910
Palco Iluminado/Francisco Cândido Xavier
Jair Presente (pelo espírito de) - São Bernardo do
Campo, SP
Grupo Espírita Emmanuel, 1988
I. Espiritismo 2. Psicografia I. Xavier, Francisco
Cândido II. Jair Presente (pelo espírito de)
III. Título

CDD-133.91

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicações mediúnicas: Espiritismo 133.91
2. Escritos psicografados: Espiritismo 133.91
3. Espiritismo 133.9
4. Espíritos: Comunicações mediúnicas: Espiritismo 133.91

Copyright © 1988

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL SC EDITORA

Todos os direitos reservados

I.^a Edição
Edição G E E M
1988

Capa:
Gessé Alves Pereira

Diagramação:
Vivaldo da Cunha Borges

Produção:
Walter Mittelstaedt

Ilustração da Capa:
Nemésio Marcos Gonçalves

Revisão:
Mário Augusto R. Vilela

SUMÁRIO

PALCO ILUMINADO - JAIR PRESENTE	12
A GRANDE DICA	14
NOTA DO TEMPO	16
A DESCULPA	19
DIA FELIZ	22
CRÍTICAS	24
AVAREZA	26
EXPLICAÇÃO	27
CONVERSA DE AMIGO	28
COUSAS DE RISCO	29
ESPANTO	32
UMA PERGUNTA	36
ALIMENTOS E ANIMAIS	38
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA	41
O FURTO NÃO COMPENSA	45
PARENTES	48
TESTES	52
VITÓRIA DO AMOR	54
FOFOCA	61
ONDE NASCE O MAL	64
SURPRESA	65
FALTAVA	68
A RESPOSTA DO GUIA	69

PALCO ILUMINADO

Leitor Amigo:

Desnecessário apresentar o Autor deste livro, companheiro inteligente e otimista, que sempre recebe de nós a maior estima e admiração: "Jair Presente".

Neste volume, que lhe atesta a criatividade no palco do mundo, vemos-lo sob diversos prismas, quais sejam:

O contexto é Jair.

Os contos são de Jair.

Os conceitos são de Jair.

As reflexões pertencem a Jair.

As lições são de Jair.

A luz é de Jair.

A alegria é de Jair.

A visão é de Jair.

As narrativas são de Jair.

E todas as apreciações são de Jair.

Oferecendo-lhe, pois, esta dádiva de um Amigo Espiritual, rogamos a Jesus, o nosso Divino Mestre, a todos nos inspire e abençoe.

Emmanuel

Uberaba, 4 de agosto de 1987

A GRANDE DICA

Vocês não me conheceram
 Como eu era, como estava,
 Mas sabem por indução:
 Não passei de "pinta brava".
 Caridade não preguei,
 Bem aos outros nunca fiz,
 Embora tivesse um pai
 Que me deu tudo o que eu quis.
 Dos passeios preferidos,
 Como ocorre a homem qualquer,
 O meu era ir à praça
 Sentir cheiro de mulher.
 Por isso, não posso agora
 Recolher-me em algum canto
 E rezar a "Ave Maria"
 botando banca de santo.

Mas posso trazer-vos hoje,
 Com meu coração feliz,
 Algo que Jesus nos diz,
 A maior dica da Lei,
 Que é: "amai-vos uns aos outros,
 Assim como vos amei".

NOTA DO TEMPO

Um ano chega e se vai,
 Mas outro ano aparece
 Para que o drama da vida
 Na Terra se represente...
 Tudo segue de corrida,
 A mudança é permanente
 Na estrada de cada um...
 Essa mudança, porém,
 Somente surge na alma...
 Aparecendo Janeiro,
 puxando os meses seguintes,
 Anotado, por inteiro,
 O tempo é sempre comum.
 Tudo passa no caminho,
 Nosso mundo é sempre o mesmo:
 Rotação e translação...

Apenas se altera o clima,
 Mas não por ordem de cima
 E sim pelas mãos dos homens
 Que largam bombas no chão.
 Casas parecem gaiolas,
 Pessoas recordam aves,
 Que se revestem de penas.
 Em aves, plumas por fora...
 E noto, se me concentro,
 Que as penas próprias dos homens
 Só se revelam por dentro...
 Em cada dia que nasce
 Há sempre dor e prazer;
 Resguardemos o otimismo
 Na alegria de viver...
 Pelos decretos de Deus
 A ordem é melhorar;
 Quem quiser obedecer
 Que prossiga caminhando
 No rumo do Grande Lar!...

Quem possa seguir à frente
Não se canse de lembrar
Que a Grande Instrução da Vida
É trabalhar e servir,
Servir para trabalhar.

A DESCULPA

Antonio Homero de Souza,
Professor e cientista,
Dizia com seriedade
Ao amigo João Batista:
- “João, dê amparo às crianças...
Nossa vida ruralista
Chega a ser calamidade.
Observe e fique certo,
Os nossos males extremos,
A meu ver, mais da metade,
Vem daquilo que bebemos.
Conheço muitas famílias,
Formadas por gente nossa,
Que se servem de água impura,
De poço perto de fossa...

Há pessoas que consomem
 Venenos de água parada,
 Meninos soltos nas ruas
 Sorvendo grossa enxurrada!
 Noto pessoas distintas,
 Que tomam banho em lagoa,
 Na cultura de micróbios,
 Pensando que é cousa à-toa...
 E os alcoólicos? Nem sei
 O que se vê por aí.
 É licor de jenipapo,
 De araticum e pequi...
 São muitos os imprudentes,
 Passo vão, cabeça oca,
 Que morrem, antes do tempo,
 Qual o peixe pela boca...
 Precisamos de campanhas,
 Fazê-las inda não pude,
 Alguém deve proteger
 A defesa da saúde."

João, que estava impressionando
 Por tudo quanto escutara,
 Dirigiu-se ao professor,
 Perguntando, cara a cara:
 - "E o senhor, Doutor Antonio,
 Preservando a própria vida,
 O que usa com freqüência
 Em matéria de bebida?"
 O professor respondeu,
 Sem qualquer tom de chalaça:
 - "A fim de que eu viva bem,
 Só bebo a nossa cachaça..."
 À pressa, porém, pensou
 Na grande malícia humana,
 E falou para Batista:
 - "Mas a cachaça que eu bebo
 Tem sementes de umburana."

DIA FELIZ

Agradeço o seu bilhete
 E tudo quanto me diz,
 Solicitando receita
 Que faça o dia feliz.
 Ao levantar-se da cama,
 Procure por seu trabalho,
 A profissão é bigorna
 Dever é sempre o seu malho.
 Não acolha tentações
 Conserve claro juízo,
 Use o chá de "cale a boca"
 Só fale o que for preciso.
 Respeite a hierarquia.
 Se o chefe erra em serviço,
 Permaneça em seu lugar
 Sem comentar nada disso.

Esqueça o mal que se foi,
 Pense na força do bem.
 Não olvide a cortesia,
 Nem trate mal a ninguém.
 Ofereça o seu sorriso
 A quem passar ou vier,
 Brincadeiras e anedotas
 Evite quanto puder.
 Aprenda a pedir favor
 E a quem lhe preste cuidado
 Seja sempre agradecido,
 Dizendo: "muito obrigado".
 Não fique olhando nos outros
 O defeito ou a cicatriz,
 E assim estará vivendo
 Na paz do dia feliz.

CRÍTICAS

Você nos pergunta, aflito:

- "Na mágoa de que me inundo,
Como agir, fazendo o bem,
Ante os caminhos do mundo?
Qualquer esforço que eu faça
Na caridade ou na fé,
Atrai amigos da onça,
A me pegarem no pé...
Sou fiel aos meus deveres,
Trabalho e sirvo, a contento,
Por que a crítica em tudo
É o meu acompanhamento?"
A nossa resposta é curta:
- "Na vida quem menos erra
terá o sarcasmo alheio
Por duro fiscal na Terra;

Mas, se você quer andar
Sem pedras na própria estrada,
Fique de sombra e água fresca
E viva fazendo nada."

AVAREZA

Avareza é um mal sem nome,
No entanto, se bem me explico,
É um homem que passa fome
Para ser defunto rico.

EXPLICAÇÃO

Nunca senti frio assim,
No Brasil, de Norte a Sul,
Nem mesmo ao tremer na morte,
Nas águas de Praia-Azul...
É gelo ferindo no ar,
Ardendo que nem pimenta,
Não escrevo nesta noite
Porque o médium não agüenta...

CONVERSA DE AMIGO

Meus irmãos, estais sofrendo
 Com malícias de jornal;
 Não vos rendeis a palpites,
 Cedendo às sombras do mal.
 A reportagem dos homens,
 De que o bem não compartilha,
 No dicionário do mundo
 Tem o nome de armadilha.
 Usai o discernimento,
 A luz do Cristo e a razão,
 Tendes o trio dos Céus:
 - Silêncio, paz e oração.

COUSAS DE RISCO

De cousas desagradáveis
 Você nos pede, Gaspar,
 Mencionar todas aquelas
 Que devemos evitar.
 Cousas de risco são muitas,
 Por atacado e a granel,
 Por nomes não caberiam
 Nesta folha de papel.
 Mas destacamos algumas
 Que são de efeito fatal,
 Arrojando-nos a vida
 Na antiga rede do mal.
 Deus nos livre, onde estiver,
 De mulher alcoviteira,
 De homem parlapatão,
 De conversinhas de feira.

De vento pela janela,
De garoa que aconteça,
De mandraca encomendada
Que lhe fique na cabeça.
De bailes muito assanhados
Com muita mulher bonita,
De mocinha despachada
Toda enfeitada de fita.
Na rua, seja onde for,
Não escute o palavrão,
Trombadinha é sempre o meio
De acolher a obsessão.
Fuja aos copinhos da cana,
que se seguem, um a um,
É por aí que começa
O tropeção do bebum.
Na comida não se tome
Do peixe muito guardado,
Do bolo de muitos dias
Para o café requentado.

Comer pouco e viver muito,
Isso é lei da Natureza,
Não caia nas ilusões
Do prato e da sobremesa.
Não entre em casa dos outros
De onde não possa sair.
Em favor, dar com bondade
Vale mais do que pedir.
Quanto ao mais em cada caso,
Não se esqueça da oração,
O Céu responde na idéia
Através da inspiração.

ESPANTO

Juca Monteiro, no sítio,
 Estava octogenário,
 Sempre alegre e acolhedor,
 Muito embora solitário.
 Preso à cadeira de rodas
 Depois de grave acidente,
 Não lastimava a velhice
 Nem se dizia doente.
 Cedo ficara viúvo
 E as duas filhas casadas
 Residiam longe dele,
 Amigas e dedicadas.
 Mantinha, porém, consigo
 Os seus próprios defensores:
 Quatro cães policiais
 E um casal de servidores.

No dia em que fomos vê-lo
 Em serviço de assistência,
 Mostrava-se qual criança...
 Chegara um dos netos dele,
 O jovem Paulinho França.
 Monteiro muito contente
 Conversava em voz segura,
 Admirava no moço
 A gentileza e a cultura.
 Em certo instante, Paulinho
 Comunicou ao doente
 Que cedo viajaria,
 A fim de seguir à frente...
 E acentuou constrangido:
 - "Rogo ao senhor me releve
 Vou ver contas de meu pai,
 Mas voltarei muito em breve".
 O avô disse concordar
 E explicou que ele sabia
 Que o genro necessitava
 De pôr as contas em dia.

O neto voltou à carga,
 Consultando, apreensivo:
 - "A pedido da mamãe,
 Preciso eu de levar
 As fotos do mano Altivo.
 Rogo ao senhor emprestar-me
 A chave do quarto dela,
 É aquele muito abafado
 Pela falta de janela..."
 O avô atendeu, de pronto.
 Retirou a dita chave
 De um molho com laço forte
 E disse-lhe: "Achar retratos
 Com tanta pressa, meu filho,
 Seria ter muita sorte.
 Procure entrar no aposento,
 Entretanto, acenda velas,
 Pois o quarto é muito escuro...
 Caminhe lá com cuidado,
 Aqui, há sempre monturo..."

O rapaz, incontinente,
 Toma a chave e eis que se apruma;
 Vai ao quarto, a pé ligeiro,
 Mas sem levar luz alguma.
 Fechando-se lá por dentro,
 Tateia caixas em pilha
 Retira logo a terceira
 Por saber que ela guardava
 Os brilhantes da família.
 Mergulha as mãos entre as pedras,
 A ambição lhe surge e cresce,
 Levaria do tesouro
 Os brilhantes que pudesse...
 Agitando as pedras todas
 O moço geme e se estaca,
 Sem tirar pedra nenhuma,
 Tocado de dor aguda,
 Caiu no piso, gritando,
 Mordido de jararaca.

UMA PERGUNTA

Tanto ouvi as suas queixas,
 Meu caro Adão Xavier,
 Que fui ver, pessoalmente,
 O que é que você quer.
 Você tem lanche graúdo,
 Ao levantar-se da cama,
 Muito cedo, se detona
 O conforto em seu programa.
 Aos pais amigos que o cercam
 Você engrola um "bom dia",
 Põe defeitos no café,
 Mostrando grande arrelia.
 Você tem casa e emprego,
 Toma ônibus seguro,
 Atendendo ao necessário,
 A resguardar o futuro..

Você toma refeições
 Seguidas de sobremesa,
 Usufriui, quanto quiser,
 Os frutos da natureza.
 Você não é milionário,
 Mas tem força e tem saúde,
 Tem o seu time de bola,
 Que, às vezes, entra no grude.
 Você ganha o necessário
 Para manter a existência,
 Com garantias de lei
 E apoio de previdência.
 Você tem o telefone,
 O rádio, a televisão,
 Tem o mundo à sua frente,
 A notícia, a informação..
 Dispõe de amigos leais
 Para o que der e vier..
 Então lhe pergunto: "Adão,
 O que é que você quer?"

ALIMENTOS E ANIMAIS

Meu caro Neca da Silva
 Depois de suas andanças,
 Em pocilgas e currais,
 Eis que você me pergunta
 Se vale a pena comer
 A carne dos animais.
 Você faz notas, a jorro,
 Nos comentários do assunto,
 Diz que viu gente vendendo
 Carne de gato e cachorro.
 Demonstrando grande susto,
 Indaga você com asco
 Se esse hábito é justo
 Mesmo em festas com churrasco.

Você sabe: enquanto a gente
 Está no mundo, afinal,
 Quase ninguém, dá valor
 À existência do animal.
 Comemos, com desrespeito,
 Cobras, macacos, cabritos,
 Carneiros em profusão,
 Que morrem chorando aflitos;
 Trinchamos bois às manadas
 E pobres vacas doentes
 Que tombam desesperadas.
 Devoramos caititus,
 Jacarés, ratos do campo,
 Tamanduás e tatus.
 O amigo Juca Mendonça,
 Em sua casa no sítio,
 Adora carne de onça.
 De rãs e leitões gorduchos,
 É sempre grande a procura,
 E há quem estime a farofa
 Com bumbuns de tanajura.

Dessa prática em geral,
 De agressão a tantas vidas,
 Vão surgindo em toda parte
 Moléstias desconhecidas.
 A solução do problema
 Para nós está no escuro;
 Esperemos vida nova
 Que apareça no futuro.
 Quanto ao mais é paciência...
 Depois proteja os animais,
 Calma é remédio bem-vindo.
 O homem faz a matança
 E as doenças vão seguindo...

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

No Grupo de companheiros
 Fiéis à Causa do Bem,
 Surgiu, através de um médium
 Nova entidade do Além.

Falou, em nome de Deus,
 Com notável preleção,
 Lançou divino convite
 À paz e à renovação.
 Pediu a extinção do ódio,
 Chorou ante a dor da Terra,
 Pediu ao Pai não deixasse
 Que o mundo voltasse à guerra.

Destacou na caridade
 A virtude soberana
 E disse ver no egoísmo
 A chaga da vida humana...
 Notando-se grande pausa,
 Indagou o diretor,
 O prezado Lucas João:
 - "Quem sois vós, meu caro irmão?"
 O emissário respondeu,
 Mostrando humildade e fé:
 - "Meu nome? Posso dizê-lo,
 Sou Jesus de Nazaré".

Com o assombro dos presentes
 E chorando de emoção,
 O diretor em serviço
 Deu por finda a reunião.
 Toda a equipe, extasiada,
 Julgou o fato perfeito:
 Tinha sido visitada
 Por Jesus, o Grande Eleito.

Explodiram comentários,
 Ferveram opiniões,
 Ampliaram-se na casa
 Romarias e orações.
 Centenas de companheiros,
 Mostrando sede de luz,
 Queriam ouvir, de perto,
 A palavra de Jesus.
 Muitos pediam a bênção
 Ao amado protetor,
 Que respondia, sereno,
 Com frases de paz e amor.
 Certa noite, o Téo Barradas
 Indagou ao grande irmão:
 - "Mestre, quais são as notícias
 Do vosso apóstolo João?"
 O mensageiro no médium
 Escuta, pensa, sorri...
 Depois diz à multidão:

- "Quem sou? Quem sou eu aqui?
 Não guardeis ingenuidade,
 Brilha a verdade por luz
 E a luz é sempre o que é!...
 Tive o nome de Jesus,
 Fui apenas sapateiro,
 Natural de Pernambuco,
 Da Cidade Nazaré,
 Cidadão pernambucano,
 Sou Jesus de Nazaré..."

O FURTO NÃO COMPENSA

Dizem que o sábio Confúcio,
 Notável mestre chinês,
 Foi, um dia, procurado
 Por manhoso camponês.
 De começo, disse o homem:
 - "Mestre, perdoe!... Sou ladrão!...
 Auxilie-me a encontrar
 Minha própria salvação..."
 - O que há? - falou Confúcio.
 E o amigo respondeu:
 - "Perdão para as faltas minhas!...
 Sem intenção, cada noite,
 Furto quarenta galinhas...
 Mestre, o que devo fazer
 Contra esse enorme delito?
 Ando agora acabrunhado,
 De espírito amargo e aflito."

O sábio aclarou sereno,
 Em voz amiga e pausada:
 - "Meu amigo, você sabe,
 Na justiça que nos rege,
 Cada galinha roubada
 Exige uma chicotada.
 Volte a casa e faça preces,
 Corrija-se e viva, em suma,
 E, de agora para a frente,
 Esteja são ou doente,
 Não furte galinha alguma!..."
 Despediu-se o consulente
 E falou a sós consigo:
 - "Seguirei o mestre amigo,
 Mas não sou precipitado.
 Atenderei a Confúcio,
 Nas linhas do meu desejo,
 Não furtarei no atacado,
 Mas furtarei no varejo..."
 Na noite que se seguiu,
 Ele roubou trinta e nove,

Depoiz rezou: "Deus me valha! ...
 Que a minha fé se renove!..."
 Na outra noite, ele furtou
 Até somar trinta e oito
 E clamou: "Que o Céu me ampare!
 Não devo ser muito afoito!..."
 Nova noite e ele empalmou
 As coitadas trinta e sete.
 Logo após, rezou: "Pai Santo,
 Só busco o que me competel..."
 Outra noite: Trinta e seis.
 E mais outra: Trinta e cinco.
 Ele orou: "Pai de Bondade
 Preciso de mais afinco!..."
 Chegando o fim da tarefa,
 Que consistia no furto,
 Ei-lo nas mãos da polícia,
 Que o prendeu no passo curto.
 Ante as faltas confessadas,
 O pobre morreu gemendo,
 Nas quarenta chicotadas.

PARENTES

- "Venha cá, minha Vivila!..."
 Dizia Neca Sobral,
 Chamando a esposa à leitura
 Da notícia de um jornal...
 E acrescentava, contente,
 "Eis, enfim!... Veja você
 Eu creio que a nossa casa
 Fugirá do miserê...
 Morreu meu avô Paulino,
 Nosso grande fazendeiro,
 E já sei, desde menino,
 Que sou o único herdeiro!..."
 A esposa leu a notícia
 E, embora muito espantada,
 Sorria, sem dizer nada.

Neca, porém, prosseguiu:
 - "Vivila, entre em ação,
 Ligue o rádio e encontraremos
 A justa confirmação."
 De fato, o jornal falado
 Disse, entre os **flashes** da hora:
 - "A nossa cidade chora...
 Faleceu Paulino Serra,
 O homem bom de nossa terra!..."
 E neca explicou, veemente:
 - "O meu avô certamente
 Morreu, segundo previa.
 Enfarte aparece e arrasa
 Com muita gente, hoje em dia!...
 Vivila, você se apresse.
 Escute: vista-se bem,
 Não temos tempo a perder,
 Nossa dor é muito grande,
 Vendo um parente a morrer..."

Choremos o avô querido,
 Por fora, é a nossa tristeza,
 Por dentro, compreendamos
 Que felizmente atingimos
 A nossa própria riqueza.
 Já estou formando planos...
 Será nossa, apenas nossa,
 A grande e bela fazenda,
 A Fazenda do Monjolo!...
 Eu por ela sou gamado,
 Desde os meus tempos de colo!...
 Mas não será posta à venda,
 Precisamos conservá-la,
 Para termos boa renda...
 Nos Bancos, nós dois teremos
 Não mais tostões com tostões,
 Receberemos de herança
 Uns vinte e sete milhões!..."

Nisso, alguém bateu à porta.
 Neca abriu-a, mas se aterra;
 Quem chegara, de repente,
 Era o avô rico e robusto,
 O grande Paulino Serra!...
 O avô disse logo a Neca:
 - "Muito às pressas, vim buscá-los,
 Pois sabem quanto os estimo!...
 Faleceu Paulino Serra,
 O nosso querido primo!...
 Ah! Tudo a morte consome!
 Foi ele, entre os meus parentes,
 O único deles todos
 A conservar o meu nome!..."
 Neca ouviu, tudo entendendo,
 Com cara da cor de cobre...
 O avô rico estava firme.
 Falecera o primo pobre.

TESTES

Ao seguirmos Jesus Cristo,
 Ante o Divino Chamado,
 Eis que temos desafios
 E testes por todo lado.
 É o teste da paciência,
 Pedindo sorriso e tato,
 Quando surge, de repente,
 Um sujeito frio e chato.
 É o teste do sinaleiro,
 Parado em cara amarela.
 É o desgosto inesperado
 Que surge da parentela.
 É a carga de obrigações,
 Que nos põe a vida em brasa.
 É a grosseria na rua
 E a briga dentro de casa.

É o dinheiro que nos vem,
 Entre festança e barulho,
 Erguendo-nos a cabeça
 Para as tolices do orgulho.
 É o choque rude e imprevisto,
 Levando-nos à doença,
 Ao sermos injuriados
 Pelas malícias da imprensa.
 É o chefe mal-humorado,
 Que nos pisa sem razão.
 É o amigo que nos deixa
 Na hora da provação.
 Há tantos testes errados,
 Sem alguém que os desentorte,
 Que a gente chega a pensar
 Em mandinga e reza forte.

VITÓRIA DO AMOR

Era um casal invejável,
 Antonio e Dona Constança.
 Os seis anos de casados
 Não lhes haviam trazido
 A bênção de uma criança.
 Declaravam-se cansados
 De procurar medicina;
 O bebê não vinha ao berço,
 Nem menino, nem menina.

Certo dia, o esposo Antonio
 Disse a Constança: “Querida,
 Você se lembra de Mena,
 A nossa ex-empregada,
 Há dois anos demitida”?

- “Recordo’... - afirmou a esposa.
 - “Pois note”, tornou Antonio,
 Falando compadecido:
 - “Ela deu-me hoje notícias
 Por telefone, a chorar...
 Diz ter tido uma criança,
 Sem casa para morar.
 Resolveu ser mãe solteira,
 Reside em cantinho à-toa,
 Dorme em paupérrima esteira
 Por bondade da patroa...
 É pobre moça da roça
 E disse que, se quisermos,
 A criança será nossa.”

Dona Constança, contente,
 Coração bondoso e amigo,
 Gritou, jubilosamente:
 - “Antonio, a filha de Mena
 Não sofrerá desabrigo.

Vendo você satisfeito,
Será nossa!... Não vacilo.
Irei à maternidade
Buscá-la. Fique tranqüilo.”

Constança trouxe a menina,
No máximo de emoção,
Enquanto Mena, a mãezinha,
Chorava de gratidão.

Tudo mudou no casal,
Desde aquele belo dia;
O lar brilhava de amor
Em luminosa alegria...
Tudo paz e segurança!...
Mas oito dias depois,
Dona Aurora, a mãe de Antonio,
Viúva rica e orgulhosa,

Quis ver a neta adotiva,
Que parecia uma rosa,
E fez terrível carranca...
Irritada, disse à nora:
- ‘Foi um mau passo, Constança!...
Não aceito essa menina
Partilhando a minha herança;
Não concordo com vocês,
Nosso sangue ela não traz.
Deus permita que ela morra,
Que morra e nos deixe em paz.’

Desde esse dia, a criança
Adoeceu de repente;
De corpo todo em feridas,
Era um farrapo de gente...
O pediatra amparou-a,
Fazendo esforço tremendo..
Receitava, receitava,
E a pequenina morrendo.

Falou Constança ao marido:
 - "Vamos noutra direção.
 Você já terá ouvido,
 Em comentários a esmo,
 Quanto vale, em qualquer vida,
 A força da vibração.
 Para mudar minha sogra,
 Vou mentir!... Direi que a neta,
 Enferma e triste, a morrer
 É sua filha direta...
 Direi que não será justo
 Deixá-la assim desprezada,
 Que é sua filha, às ocultas,
 Com a nossa ex-empregada..."
 Antonio aprovou a idéia.
 Espantada, ouvindo a nora,
 Depois de grande silêncio,
 Assim falou Dona Aurora;
 - "Eu logo vi a trama,
 Essa empregada pamonha
 Conquistou meu pobre filho,
 Rapaz de pouca vergonha..."

Nós duas vamos agir,
 Sem afronta ou desacato,
 A menina tem seu sangue,
 Precisa de muito trato.
 É isso, Constança, é a vida
 Que nós sonhamos no bem,
 A fazer-se desengano,
 Ninguém preserva ninguém...
 Você suporte meu filho
 Sem qualquer choro ou querela...
 Minha netinha querida!...
 Eu cuidarei também dela..."

A menina, em poucos dias,
 De manhã para manhã,
 Estava agora mais linda,
 Com faces cor de romã.

Após alguma semanas,
 Achando o momento exato,
 Antonio disse a Constança:
 - "Sou a você muito grato,
 Você não mentiu, querida,
 Essa criança tão bela
 É minha filha, de fato.."

Disse Constança, sorrindo,
 Na maior descontração:
 - "Antonio, se a menininha
 É sua filha, no lar,
 Passo então a declarar
 Que ela será também minha!...
 O que houve não me humilha,
 Digo com justa razão..
 Sua filha é minha filha,
 Filha do meu coração!..."

FOFOCA

Desde Duque de Caxias,
 Dona Ofélia estava em pranto,
 No ônibus de carreira
 Repleto por todo canto.
 Junto dela, estava o esposo,
 O Professor Irineu.
 Um amigo que se aproxima,
 Após saudá-los, pergunta:
 - "O que foi que aconteceu?
 Dona Ofélia assim chorando?"
 O professor aclarou:
 - "Ela chora com razão,
 O nosso Prata morreu..."
 - "Qual foi a causa da morte?"
 Disse o amigo tristemente,
 E o professor respondeu:
 - "Ele morreu de repente."

O outro era o amigo Pedro
 Que consolou a senhora:
 - "Não chore assim, Dona Ofélia,
 Todos nós temos um tempo
 De partir, em nossa hora..."
 Dona Ofélia, confortada,
 Chorou mais. Fez um salseiro,
 Esclarecendo que o morto
 Fora um nobre companheiro.
 Pedro afastou-se, buscando
 Um colega do caminho,
 E contou-lhe: "Eis que perdemos
 Um excelente vizinho..."
 O amigo quis a notícia
 Mais fiel e mais exata.
 Dona Ofélia era sobrinha
 Do bilionário João Prata.
 Logo após, foi a notícia
 - Manchete esquisita e louca -
 Guardada por muita gente,
 Entregue, de boca em boca.

Quando Irineu e senhora
 Desceram do coletivo,
 Pedro estava junto deles,
 Caminhando de olho vivo:
 No elegante palacete,
 Foram os três recebidos,
 Por Dona Marina Prata
 Em lágrimas e gemidos.
 Então é que Pedro soube
 Que o morto de nome "Prata"
 Era a jóia da família,
 Um cãozinho vira-lata.

ONDE NASCE O MAL

- "Em nós, onde nasce o mal?"
 Pergunta Dino ao Sarmento.
 O amigo responde, logo:
 - "Nasce em nosso pensamento."
 - "Mas como?" diz o colega;
 "Qualquer mal gera monturo,
 Por isso, o mal que trazemos
 Só se revela no escuro."

SURPRESA

Materializados, nós dois,
 Eu e o amigo Eleutério,
 Conversávamos contentes
 Junto a grande cemitério.
 Falávamos sobre a morte,
 Que nos liberta e ilumina...
 Vimos o horário não longe,
 Eram duas da matina.
 De repente muda a cena,
 Sem ensaiarmos a peça,
 Eis que um rapaz vem chegando,
 No passo de muita pressa.
 Tomáramos nossa forma
 De tal modo que, no fundo,
 Éramos nós dois rapazes
 Ou dois moços vagabundos.

O companheiro saudou-nos
 No habitual "boa noite";
 Retribuímos sorrindo...
 Ele disse, muito amável:
 - "Vejam que o Céu está lindo!"
 E mostrando inquietação,
 Cochichou, como em segredo:
 - "Vocês me desculparão,
 Mas, perto de cemitério,
 Sinto sempre muito medo...
 Rogo a vocês me perdoem,
 Entretanto, estimaria
 que vocês comigo andassem,
 Nestes sítios de silêncio,
 Sendo minha companhia!..."
 - "Pois não!", falou Eleutério,
 E pusemo-nos a andar...
 O moço desconhecido
 Continuou a falar:

- "Eu mesmo não sei por que,
 Até meus pés ficam tortos,
 Tenho frio e a boca seca,
 Se passo perto dos mortos...
 Vocês compreendem, não?"
 E eu respondi com cuidado:
 - "Eu também, quando entre os homens,
 Sentia um medo danado..
 Mas desde que faleci,
 Pois sou igualmente morto,
 Troquei o medo que eu tinha
 Por mais vida e reconforto.."
 Aí notei que o rapaz
 Que seguia ao nosso lado,
 Caiu na calçada fria,
 Claramente desmaiado.

FALTAVA

Tudo nele era de Cristo:
 A fé viva, o verbo ardente,
 As mãos no amor envolvente,
 A força ativa e sincera;
 O caminho, a diretriz,
 A promessa e a confiança,
 As orações da esperança,
 Mas o bolso ainda não era.

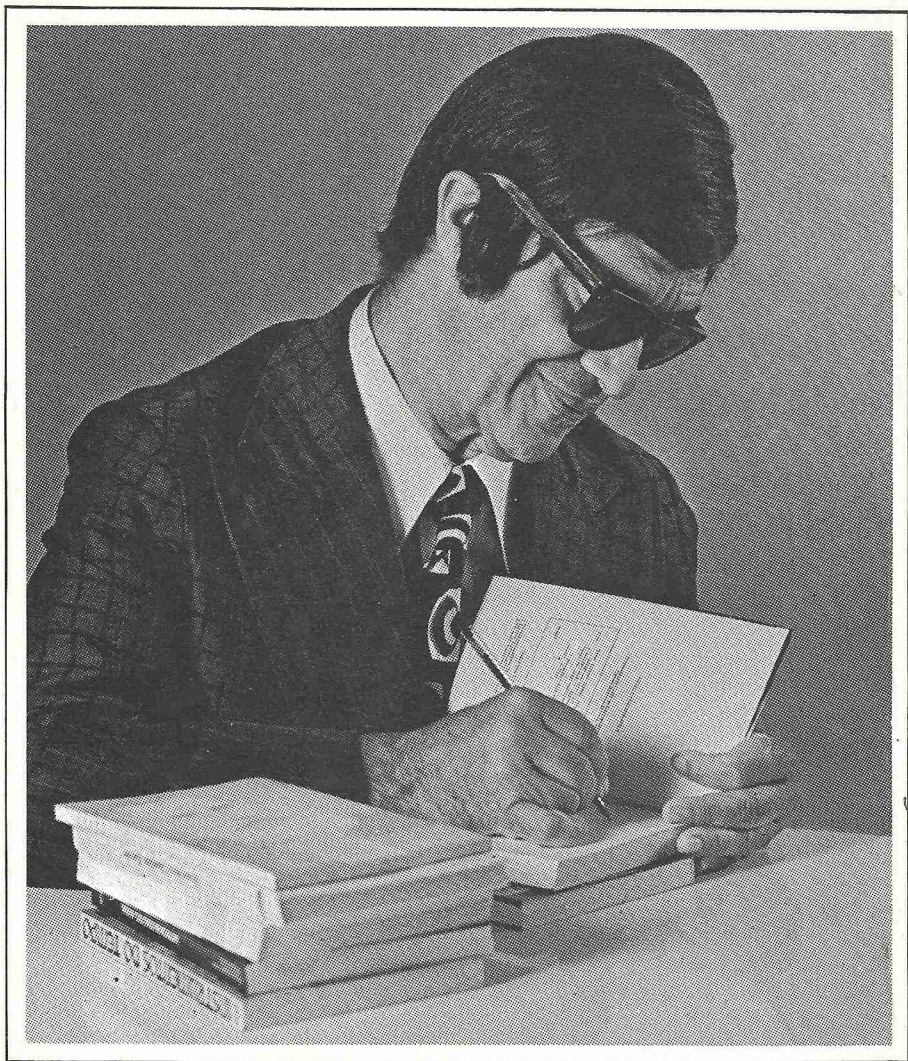
A RESPOSTA DO GUIA

Sessenta anos!.... Tanto tempo
 Em plena mediunidade,
 João de Melo parecia
 Ter voltado à mocidade.
 Levantou-se muito cedo,
 Envergou a roupa nova,
 E os irmãos todos diziam:
 - "Joãozinho venceu a prova..."
 Mostrava-se o médium grato;
 No entanto, o que pretendia
 Era ouvir a opinião
 Na voz de seu próprio Guia.
 Entrou no quarto - o seu quarto -
 Colocou-se todo em prece.
 Logo após alguns momentos,
 Eis que o Guia lhe aparece.

Notando-lhe o rosto sóbrio,
Disse João: "Irmão Macário,
Estou celebrando hoje
O meu novo aniversário!..."
O Irmão mantinha silêncio,
Mas João prosseguiu no assunto:
- "Meu protetor, fale disto:
Sessenta anos quanto valem,
Diante de Jesus Cristo?..."
Então, o Guia explicou,
Mostrando os olhos argutos:
- "Sessenta anos para o Cristo
São apenas seis minutos."



impressão e acabamento por
W. Roth & Cia. Ltda.
com filmes fornecidos
pela editora



GRUPO
ESPIRITA **GEM**
EMMANUEL S/C EDITORA